

INTRODUÇÃO

Realmente! Uma memorável aventura! Um Projeto criado para desenvolver e estimular a leitura de Jovens do Clube do Livro da Escola Cívico Militar Joaquim Ramos em Criciúma-SC. Cada fase do livro contou com a importantíssima participação dos alunos integrantes do Projeto Clube do Livro da Escola, fazendo de cada aluno um co-autor desta Obra. Ao longo de cada capítulo elaborado, o Clube se reunia para determinar os rumos da história dos personagens Toti e Peterson criados na baía de Laguna no século XVIII. A história recheada de aventuras e romance, nos transporta para o reino da leitura e imaginação. A participação ativa dos alunos possibilitou o desenvolvimento e auto-aperfeiçoamento da leitura e o gosto pela Literatura, fundamentais para o desenvolvimento de cada fase do Projeto! A Cada debate, era nítido o crescimento intelectual de cada um, onde todos tiveram a oportunidade de expor suas visões do mundo e ideias para serem acrescentadas no livro. Como resultado final, estamos diante de uma belíssima Obra que instiga e obriga o leitor a se apegar em cada página até consumir o final da história! Estamos todos de parabéns! O trabalho foi recompensado trazendo para os amantes da Literatura um livro com a marca de cada escritor que existe dentro de nós! Divirtam-se! Não parem de ler até a última frase do Livro! Permitam-se sonhar!

RONALDO SARMENTO PINTO

Monitor e Coordenador do Projeto Clube do Livro da Escola Cívico Militar Joaquim Ramos Criciúma SC/ Projeto Clube do Livro 2022/2023

DEDICATÓRIA

*Dedico esta Obra primeiramente ao Senhor dos Exércitos e a todos os alunos que de alguma forma ou de outra participaram efetivamente do Clube do Livro da Escola Cívico Militar Joaquim Ramos em Criciúma-SC, demonstrando todo o seu refino e gosto pela leitura, foram momentos memoráveis na presença de todos vocês! Na qual mais aprendi do que ensinei! A Minha querida família que sempre me apoiou e viu em mim potencial para estar à frente deste grande Projeto! A minha querida filha **JULIA DIAS** que através de seu amor pelos livros desde pequena, me incentivou e estimulou no desenvolvimento de histórias que despertassem o gosto e o desejo dos jovens pela leitura, em face dos desafios e entretenimentos ofertados pelas novas tecnologias. A Diretora da Escola **SANDRA MARA DE AGUIAR** que sempre buscou apoiar o Projeto e viu nele uma porta de oportunidades para a melhoria da Educação! Ao Senhor Coronel **IVO MIKILITA FILHO** pelo seu incentivo e amor a educação sempre desejoso e preocupado com o crescimento dos alunos da Escola Cívico Militar.*

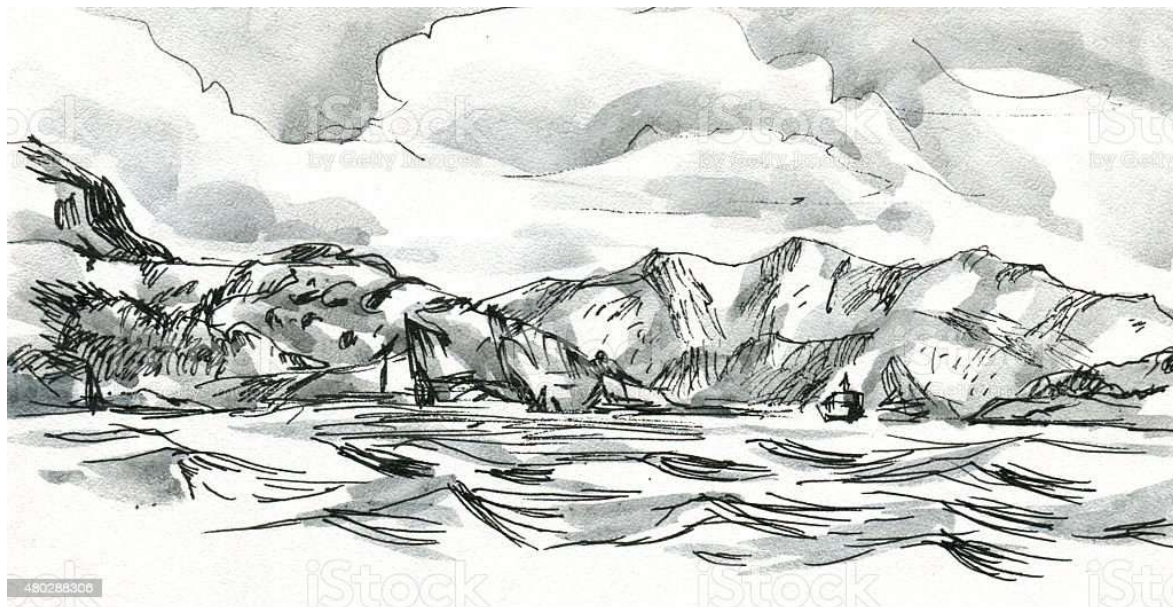
Ronaldo Sarmiento Pinto
Coordenador do Projeto Clube do Livro

SUMÁRIO

Capítulo I ‘A Amada de Peterson’.....	6
Capítulo II ‘Fogo no mar’	19
Capítulo III ‘O aperto continua’.....	25
Capítulo IV O Drama de Naí.....	30
Capítulo V Sobre as Sombras do Cais	41
Capítulo VI Peterson em Apuros.....	48
Capítulo VII O Reencontro.....	56
Capítulo VIII A Armadilha.....	63
Capítulo IX ‘A Ilha Perdida’	74
Capítulo X ‘O Portal da Ilha’.....	81
Capítulo XI ‘A Caverna do Tesouro’.....	87
Capítulo XII ‘A Aldeia’.....	97

CAP I

‘A AMADA DE PETERSON’



Era uma manhã de setembro de 1760 quando Toti e Peterson começaram a usar o mirante da ilha do Anhatomirim para vasculhar o horizonte. Ilha de brisa suave, vento separando os cabelos ruivos de Peterson e uivando nas orelhas grandes de Toti. Eram dois amigos inseparáveis, se conheceram no povoado de Castelhanos o primeiro criado pelos Açorianos em terras Catarinenses. Seus bisavós cruzaram o oceano em busca de melhores condições de vida para cuidar de seus filhos, vindos do Arquipélago dos Açores. Portugal com o desejo de colonização fácil do litoral, usou as famílias açorianas para cumprir este papel prometendo riquezas e glórias para quem se arriscasse a vir para estas bandas do Oceano Atlântico. Mas o que eles encontraram aqui foi uma terra inexplorada com uma densa mata virgem e índios Carijós defendendo com unhas e dentes cada porção de terra no litoral. A expansão Açoriana avançava ao mesmo tempo que as lutas contra os índios ficava mais ferrenha. Portugal passou a usar a mão de obra indígena e caçá-los no interior das matas para a utilização do trabalho

nas plantações de milho e farinha. Os povoados cresceram e os índios em uma luta desigual passaram a se recolher no interior do litoral cada vez mais para dentro. O medo de se tornarem escravos dos Portugueses extinguiu sua presença no litoral. Algumas tribos fugiram de canoa para ilhas mais próximas e se apartaram dos índios locais. Muitas ilhas eram habitadas por estas porções de índios nativos que viveram ali escondidos dos navegadores Portugueses e Espanhóis. O povoado de Castelhanos era o principal povoado Açoriano. Era o entreposto dos navios mercantes e de guerra da Armada Portuguesa na exploração do território do Sul do Brasil. É aí que começa nossa história, Toti e Peterson viviam ali, num povoado iluminado com lamparinas de óleo de baleia, carregadores de navios, pescadores, piratas aposentados e um sonho imenso de descobrir coisas novas em uma juventude que não se contentava como “ mais do mesmo”. Toti vivia nas tabernas a Beira do Caís ganhando trocados dos navegadores que atracavam ali carregando suas bolsas e sacos pessoais. Ali era seu lugar preferido pois escutava histórias mirabolantes contadas pelos marinheiros desde tesouros escondidos e mares bravios que enfrentavam. Para ele, era um contato com o mundo afora sem sair do lugar. Os marujos sempre aumentavam suas histórias quando viam que a plateia se empolgava com suas ‘odisseias’. Peterson era mais reservado, quando era criança vindo dos Açores com seus pais e um punhado de lembranças no coração, sentia saudade de sua terra natal e desejava um dia voltar para lá. Filho de uma família de seis irmãos sendo o caçula, o único que seus pais puderam trazer junto aquela viagem rumo ao desconhecido. A pobreza extrema dos açores e a falta de alimentos faziam com que sua família dependesse da pesca para sobreviver. Sonhava em ter uma cama para dormir, pois o que tinha era um pedaço de espaço para reclinar o corpo em uma rede dividida com outros três irmãos. A fome assolava a região e o cultivo de

mandioca não dava para mais nada. O pai se virava como podia para trazer o alimento e quando não conseguia trazer, também não voltava para casa. Não aceitava voltar com as mãos vazias. Quando Portugal incentivou o povo para colonizar as colônias do sul seu pai não pensou duas vezes em colocar o nome de Peterson e sua esposa. Com dor no coração deixou para trás os outros filhos maiores que ficaram com parentes. Quando desembarcaram somente com suas roupas e um punhado de farinha e sementes de milho os índios eram amigos dos novos habitantes e davam as boas vindas a todos que chegavam com festa. Essas coisas mudaram depois da reviravolta sangrenta imposta pelos portugueses. Peterson sempre preso a mão de sua mãe, agarrava firme e não soltava para nada. O medo depois de tudo que passou fazia ele se tornar um menino fechado e desconfiado. Mas naquele dia seu coração começou a bater mais forte, quando chegaram ao cais do porto, uma fileira de índios e índias locais os recebeu junto com as famílias instaladas dando um 'bem vindo a todos'. Ele olhou à sua frente e com as mãos estendidas em direção a ele estava Naí uma indiazinha local oferecendo um colar feito de flores e ervas em sinal de boas vindas ao forasteiro. Naí era filha do chefe da tribo local e juntos com os outros em sinal de respeito, recebia os viajantes de longe em sinal de amizade. Naí tinha seus doze anos, um sorriso lindo de ponta a ponta de seu rosto, demonstrava a alegria de estar ali participando daquele pequeno gesto. Seus olhos eram verdes claros e sua pele era avermelhada pelo rubor dos sol. Mas seu rosto era liso, aveludado, possuía pernas e braços encorpados típicos dos índios locais acostumados a escalar todo o tipo de terreno para caçar. Ela não era apenas uma indiazinha local, mas sim a filha do grande cacique, Naí desde pequena se destacava na prática da caça deixando índios guerreiros experientes para trás. Destemida e corajosa corria pelas matas como se estivesse em uma avenida a céu aberto, subia nas

árvores mais altas e alcançava os coqueiros mais suculentos das planícies, ensinada desde pequena pelo grande cacique seu pai que um dia iria reinar sobre a tribo e para isso desde pequena deveria se portar como uma guerreira. Naí sabia a quilômetros o deslocamento de pessoas nas matas ou o cardume de peixes, somente encostando o ouvido no chão ou perto dos rios. Mesmo tendo qualidades diferenciadas sempre era humilde e alcançava admiração dos principais da tribo. Peterson recebeu o colar das mãos de Naí, mas algo era diferente. Sentiu seu coração bater como uma velocidade sem igual, a medida que Naí colocava o colar em volta de seu pescoço. Seu rosto ficou vermelho e um calor subiu em seu corpo de baixo para cima. Sem saber o que dizer e o que fazer, Peterson só fez um sinal positivo unindo a palma de suas mãos em sinal de agradecimento. Naí olhou fixamente para ele e disse em sua língua seja bem vindo! Muitas emoções inundaram seu coração e por um instante, o medo daquela terra hostil se apagou. Peterson só lembrava do rostinho angelical de Naí e de o sonho de um dia se encontrar de novo com ela. Quem sabe poderemos ser amigos? Dizia ele em seu pensamento. Poderemos desbravar juntos toda aquela região e sermos ricos! Os dias se passaram e Peterson resolveu investigar sobre aquela menina, sabia que uma vez na semana os índios traziam para o cais produtos artesanais para vender e também frutas como abacaxi e mamão. Peterson desceu cedo de sua casa em direção ao cais. Os primeiros raios de sol já podiam ser vistos no horizonte e os trabalhadores do cais começavam a se deslocar para o porto. A feira de trocas era realizada no início do porto com comerciantes de todos os lugares, era um bom momento dos nativos fazerem negócios além de produtores rurais e os índios. Peterson ficou a espreita do cais, sabia que os índios viriam com trazer suas mercadorias. De repente no início da feira Peterson avistou um homem com um cocar grande na cabeça colorido

com penas de araras e pavão, estava ao seu lado vários índios carregando sacos com mandioca e tigelas feitas de bambu e capim dourado, todas envoltas com laços coloridos típicos dos índios. Peterson não avistou Naí naquele grupo e ficou desanimado. Aproximou um pouco mais e viu os índios negociando com os comerciantes da feira, mas nada de Naí com eles. Abaixou a cabeça com um sentimento de tristeza e desapontamento, saindo com as mãos nos bolsos de sua calça meio encardida em direção ao vilarejo. Seguiu seu caminho passando por vielas escuras, coração espalhado pelo chão como um cristal quebrado. Ao passar por mais um corredor estreito ouviu um barulho chamando por ele.

___ PISSSIUUU! PISSIIUU! Peterson olhou assustado pelos ombros pensando ser uma emboscada de assaltantes, ficou com muito medo. O coração disparou e ele apertou os passos prontos para correr! Num instante não pensou em mais nada e saiu em disparada sem olhar para trás.

___ HEI! PETERSON SOU EU! LEMBRA DE MIM? Bradou Naí acenando com a mão antes que perdesse Peterson de vista. A indiazinha olhava para Peterson com um olhar brilhante desejosa de falar com ele. A voz de Naí era inconfundível, tinha ficado gravada nos ouvidos e no coração de Peterson. Ele parou com os dois pés quase caindo no chão. Se voltou para ela e seu coração começou a bater forte sem dizer uma única palavra. Com as mãos trêmulas se aproximou dela sem saber o que dizer e o que fazer olhou para seus olhos e seu rosto angelical.

___ Naí te procurei na feira! Mas não vi você! Queria muito te ver de novo mas você sumiu. Peterson falou meio que gaguejando e ainda trêmulo de ver Naí de novo.

___ Eu venho a feira com meu pai, mas hoje ele me pediu para sair do grupo e buscar algumas coisas para a tribo que estão fazendo falta.

Falou Naí com um sorriso brilhante cheio de ternura para Peterson.

___ Sabe Naí! Indagou Peterson. As palavras brotavam na sua boca mas eram difíceis de sair, com uma mistura de sentimento e medo Peterson não aguentou e disse:

___ Desde o dia que te vi, algo mudou dentro de mim! Senti uma alegria muito grande dentro do meu coração! Difícil de entender! Meu coração bateu muito forte e uma vontade grande de estar contigo me inundou, de dentro para fora! Desculpa eu estar falando isso, mas é o que realmente estou sentindo. Você não sai da minha cabeça e fico o dia todo sonhando e criando expectativas sobre nós. Naí olhou para Peterson com um sorriso, criou coragem e falou:

___ Não sei o que aconteceu? Mas desde que vi você minha vida deu uma reviravolta! Você é diferente dos índios da minha tribo. Tem um brilho especial! Fala com o coração e expressa o que sente!

___ Não sei Naí! Desabafou Peterson. Mas quero te ver de novo! Quero te conhecer melhor! Indagou ele. Criando coragem Peterson pegou delicadamente na mão de Naí, um choque elétrico passou por todo o seu corpo disparando seu coração!

___ Você sentiu o mesmo que senti Peterson? Indagou Naí.

___ Sim! Disse ele com todas as palavras!

___ Acho que isso é o que vocês homem brancos chamam de Amor! Ela ficou com ele alguns minutos sem dizer nada, apenas os dois se olhando e Peterson segurando carinhosamente sua mão.

De repente do fundo da viela ouviu-se um brado:

___ NAÍ VAMOS EMBORA! SEU PAI ESTÁ TE PROCURANDO! O índio de nome Curassay braço direito de seu pai olhando com um semblante sisudo acenou para Naí se retirar.

___ É Curassay braço direito de meu pai! Tenho que ir!

Sem mais delongas Naí soltou a mão de Peterson e saiu em disparada

em direção a Curassay índio da tribo de seu pai.

____ Nos veremos de novo? Perguntou aflito Peterson antes que Naí sumisse de novo pela viela. Ela olhou para trás e gritou: SIM! COM CERTEZA! E sumiu pelo lugar que tinha vindo. A Esperança brotou no coração de Peterson e todos os dias ele sonhava em encontrar aquela indiazinha que o fez olhar o mundo com uma nova perspectiva de alegria e amor.

Alguns anos se passaram, não demorou muito para a política dos portugueses hostilizar as lideranças indígenas locais e as guerras começaram a ser travadas. Naí e sua tribo fugiram do litoral e nunca mais foram vistos. O medo de se tornarem escravos os levou para um lugar distante. Quando soube disso Peterson ficou muito triste, a ponto de não comer nada por muitos dias. Se refugiou dentro da mata e chorou copiosamente. Apesar de ter tido apenas um momento com Naí, sentia que estava completamente encantado por ela, mas não sabia o que fazer. Apenas acompanhava as movimentações da tribo de longe, quando viam para a colônia trocar milho por farinha. Era o momento em que mesmo de longe, via aquela indiazinha inconfundível no meio da tribo ao lado do cacique Carijó seu pai. Os anos se passaram e agora já mais velho Peterson se dedicava a consertar redes na beira do cais. Ofício aprendido com seu pai e bisavó. Foi lá que conheceu Toti que vivia carregando especiarias dos navegadores para as tabernas à beira do cais. Peterson nunca se conformou em perder o contato com Naí. Seu coração sangrava quando pensava nela, ou se algo pudesse ter acontecido na fuga para a mata. Parecia que um vazio tomava conta de seu ser, principalmente quando sentava a beira do mar imaginando que um dia não a visse mais mesmo que de longe. Mas algo alimentava a esperança de seu coração, uma chama brotava, mesmo sem saber, acreditava que aquela situação era momentânea e sua realidade de alguma forma iria mudar. Isso impulsionava seus